

# O tratamento da modalidade deôntica na perspectiva Retórica-funcional: Possível no espaço de sala de aula?

*The Treatment of Deontic Modality in the Rhetorical-Functional Perspective: Possible in the Classroom Space?*


Léia Cruz de Menezes

**RESUMO:** Por meio de expressões linguísticas modalizadoras deônticas, aquele que fala ou escreve exprime avaliações de estado de coisas em termos de um sistema de normas moral, legal ou social e, ao assim fazer, constrói imagens de si no discurso. Os valores deônticos estendem-se dos extremos da obrigação à proibição, passando pela permissão. Tais expressões estão presentes tanto em contextos de fala informal – quando um responsável por uma criança diz, por exemplo, que ela não deve atravessar a rua sem olhar para os lados – quanto em contextos marcados por alto grau de formalidade – quando um político diz em seu discurso na Câmara dos Deputados que não devemos tolerar essa ou aquela situação. Partindo do pressuposto de que o objetivo do professor de língua portuguesa é contribuir significativamente para que os alunos ampliem sua competência no uso oral e escrito da língua (ANTUNES, 2003; BNCC, 2017), propomos uma reflexão acerca das possibilidades de um trabalho com a categoria modalidade deôntica a partir de uma perspectiva retórico-funcional (MENEZES, 2011). Neste artigo, percorreremos um caminho da teoria à prática, apresentando propostas de atividades que possam fomentar reflexão acerca dos efeitos de sentido produzidos por expressões modalizadoras deônticas em contextos reais de uso da língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modalidade Deôntica; Ensino; Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** Through deontic modalizing linguistic expressions, the one who speaks or writes expresses assessments of the state of affairs in terms of a system of moral, legal or social norms and, in doing so, constructs images of himself in the discourse. Deontic values range from the extremes of obligation to prohibition, through permission. Such expressions are present both in informal speech contexts - when a guardian of a child says, for example, that he should not cross the street without looking sideways - and in contexts marked by a high degree of formality - when a politician says in his speech in the Chamber of Deputies that we should not tolerate this or that situation. Based on the assumption that the objective of the Portuguese language teacher is to contribute significantly for students to expand their competence in oral and written use of the language (ANTUNES, 2003; BNCC,

\* Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. Docente lotada no Instituto de Linguagens e Literaturas – ILL. leiamenezes@unilab.edu.br.

 10.46230/2674-8266-12-3432

Distribuído sobre



2017), we propose a reflection on the possibilities of working with deontic modality category from a rhetorical-functional perspective (MENEZES, 2011). In this article, we will walk a path from theory to practice, presenting proposals for activities that can foster reflection on the effects of meaning produced by deontic modalizing expressions in real contexts of use of the Portuguese language.

**KEYWORDS:** Deontic modality; Teaching; Portuguese language.

## INTRODUÇÃO

No presente artigo, objetivamos ilustrar a produtividade, no ensino de língua portuguesa, de uma abordagem retórico-funcional no tratamento de uma categoria linguística pouco contemplada na educação básica – a modalidade.

A categoria modalidade concerne à modificação do conteúdo dos atos de fala, permitindo àquele que fala ou escreve posicionar-se acerca dos conteúdos comunicados em uma enunciação. Para bem além do conceito de modo – indicativo, subjuntivo e imperativo, cujo escopo é a classe dos verbos, a modalidade abriga um leque de significações amplo, que comporta a compreensão do modo e permite o trabalho com várias classes de palavras: verbo, adjetivo, substantivo e advérbio.

Dada a amplitude da categoria modalidade, que se subdivide em dinâmica, deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial (HENGEVELD, 2004), aqui centramos atenção no subtipo deôntico e ilustramos a produtividade por nós defendida em um trabalho com cartazes de campanhas de saúde pública, escolhemos exemplares da como do Setembro Amarelo. A escolha de textos não materializados unicamente através da escrita deu-se em observância à ênfase concedida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no trabalho com textos multissemióticos. Quanto pela temática prevenção ao suicídio, ela é decorrente da necessidade, também textualmente apresentada na BNCC, de oportunizar aos alunos leituras que promovam a discussão e o debate sobre temas sociais relevantes.

Esse artigo está organizado em um percurso teórico-prático. Após essa introdução, seguem-se seções de conceituação da modalidade deôntica e da perspectiva retórico-funcional de tratamento desta categoria linguística. Na sequência, apresentamos propostas de como colocar em prática uma reflexão acerca desta categoria em um trabalho de leitura de cartazes de campanhas de saúde pública. Por fim, seguem-se as conclusões e referências.

## 1. A MODALIDADE DEÔNTICA

A modalidade deôntica está situada no eixo conceptual da conduta, diz respeito, portanto, à necessidade ou à possibilidade de atos executados por agentes moralmente responsáveis. A necessidade deôntica é tipicamente procedente ou derivada de alguma origem; nas palavras de Lyons (1977), assim lemos:

... se X reconhece que ele é obrigado a executar alguma ação, então existe usualmente alguém ou alguma coisa que ele reconhecerá como responsável por fazer recair sobre ele a obrigação de agir nesse sentido. Pode ser uma pessoa ou instituição a cuja autoridade ele se submete, pode ser

um corpo moral ou legal de princípios mais ou menos explicitamente formulados, pode ser não mais do que uma compulsão pertinente à mente ou ao espírito, que seja difícil de identificar e precisar. (LYONS, 1977, p.824)

Ao ser contraposta à modalidade epistêmica, dá-se discussão acerca de a modalidade deôntica ser ou não subjetiva, ou seja, ser ou não a expressão de um posicionamento quanto ao conteúdo de um enunciado. Sobre esse ponto controverso, acolhemos a perspectiva de Lyons (1977), que subdivide tanto a modalidade epistêmica quanto a deôntica em objetiva e subjetiva. Desse modo, a modalidade epistêmica subjetiva é entendida como a expressão explícita do comprometimento do falante com a verdade da proposição enunciada por ele; enquanto a objetiva é compreendida como a afirmação de um fato tido como de conhecimento geral, aceito ou comprovado cientificamente.

De modo correlato, a modalidade deôntica subjetiva é entendida como a expressão de um comprometimento pessoal com valores semânticos instaurados (obrigação, permissão, proibição). O enunciador tanto pode se deixar perceber como a autoridade da qual emana o valor modal como pode optar pela construção da imagem de alguém que transmite dado valor instaurado por outrem, cuja autoridade para essa instauração é aceita pelo enunciador. Por sua vez, na modalidade deôntica objetiva, o enunciador não se compromete pessoalmente com o valor deôntico instaurado, apenas se reporta a um valor ou dá a conhecer sua existência. Essa compreensão possibilita leitura dos efeitos retóricos que essa categoria propicia nos usos reais da língua.

A partir dessa conceituação de modalidade deôntica e da compreensão de sua atuação com feição objetiva ou subjetiva, Menezes (2006, 2011, 2012) propôs o entendimento das expressões modalizadoras deônticas considerando as seguintes características: (I) viabilizam a avaliação do falante/escritor (enunciador) da factualidade/realidade de um estado de coisas em termos de um sistema de normas moral, legal ou social; (II) expressam uma proposição, um enunciado passível de ser verdadeiro ou falso, pois não se tem a descrição de um ato propriamente dito, mas de um estado de coisas a ser obtido caso o ato em questão seja levado a termo; (III) são, em contextos específicos de usos sociais, recursos caros à construção da persuasão, portanto, atuam subjetivamente mesmo quando o falante/escritor não se compromete pessoalmente com o valor semântico instaurado; (IV) são manifestas por verbos auxiliares modais, verbos plenos, adjetivos em posição predicativa e em posição não predicativa, substantivos e advérbios; (V) originam-se de uma fonte e destinam-se a um alvo, sendo que, nesse alvo, o enunciador pode incluir-se, o que é importante estratégia retórica na medida em que aproxima fonte e alvo.

Na sequência, esboçamos, em linhas gerais, o conceito de perspectiva retórica-funcional.

## 2. A PERSPECTIVA RETÓRICA-FUNCIONAL

Menezes (2006, 2011, 2012) propôs, para compreensão dos modos de atuação das expressões linguísticas modalizadoras deônticas em construtos argumentativos, diálogo entre os postulados de duas perspectivas teórico-metodológicas: a Linguística de base funcional (com ênfase nos estudos empreendidos por Verstraete (2004), Hengeveld; Mackenzie (2008)) e a Nova Retórica (com ênfase nos estudos empreendidos por Perelman e Tyteca [1958], (1996)).

A articulação proposta entre as duas perspectivas dá-se em decorrência do ponto de confluência

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 12 n. 1	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

entre elas: ambas concebem os usos linguísticos como voltados para outrem, o que implica a necessidade de uma análise que contemple como as estruturas linguísticas co-variam de acordo com as funções exercidas na interlocução. Assim, enquanto o arcabouço da Linguística de base funcional, como teoria gramatical, dá-nos suporte para a descrição e análise linguística da categoria modalidade, o arcabouço da Nova Retórica dá-nos suporte para a compreensão das expressões linguísticas da modalidade em função da realização linguística de um objetivo específico: o persuadir.

Entendemos que, para os fins aos quais nos propomos, os postulados das duas perspectivas dialogam em uma relação de complementaridade. Enquanto a Nova Retórica abriga sob o rótulo de modalidades no sentido técnico da linguística, as modalidades assertiva, injuntiva, interrogativa e optativa, estudos linguísticos de base funcionalista compreendem essas modalidades como tipos de ilocução, distinguindo tipos de ilocução (declarativa, interrogativa, imperativa, optativa, exortativa e admirativa) e modalidades (dinâmica, deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial).

Hengeveld (2004) afirma que a categoria ilocução concerne às sentenças identificadas como instâncias de tipos específicos de atos de fala, enquanto a categoria modalidade concerne à modificação do conteúdo dos atos de fala. Defendemos que uma análise, sob a ótica dos postulados da Nova Retórica, da categoria modalidade conforme entendida pela ótica da Linguística de base funcional, permite-nos rediscutir a importância retórica dos tipos ilocucionários cujos conteúdos foram modificados por meio de avaliações modais.

Por sua vez, enquanto o modelo de Gramática Funcional proposto por Hengeveld e Mackenzie [Gramática Discursivo Funcional] nos permite compreender que o subtipo modal central nesta pesquisa, o deôntico, pode ser voltado para o evento descrito no enunciado ou voltado para o participante do evento descrito no enunciado, ele não nos permite compreender as expressões linguísticas modalizadoras deônticas em exercício da função interpessoal, tendo em vista que, em termos de nível de análise, esse subtipo modal recai sobre o nível representacional da linguagem, não sobre nível interpessoal. Mas, sob a ótica dos postulados da Nova Retórica, é-nos possível estabelecer diálogo entre parâmetros formais tal qual a orientação da expressão modalizadora deôntica (se voltada para o evento ou para o participante) e discursivos, o que viabiliza o entendimento das expressões linguísticas modalizadoras deônticas em razão do discurso em função subjetiva.

Conforme salienta Mosca (2005), a fecundidade da Retórica (nos enfoques contemporâneos, conhecida por Nova Retórica) nos estudos atuais da linguagem deve-se, entre outros fatores, à diversidade de seu campo de atuação, pois vem recebendo acréscimos à medida que outras abordagens vão se formando no interior das Ciências da Linguagem, tais como a consideração pragmática, a teoria dos atos de fala, a perspectiva sociocognitivo-interacionista.

### **3. A MODALIDADE DEÔNTICA NO ESPAÇO DA SALA DE AULA**

A fim de ilustrarmos a produtividade, no ensino de língua portuguesa, de uma abordagem retórico-funcional no tratamento da modalidade deôntica, escolhemos textos caracterizados por mais de uma semiose – a verbal e a imagética. Nossa escolha também foi norteadada pela relevância social do tema

dos textos, por isso eles versam sobre a prevenção ao suicídio. De acordo com a BNCC (2017), o eixo de trabalho com a língua portuguesa precisa ampliar seu escopo por dar aos textos multissemióticos espaço privilegiado na sala de aula, e recomenda-se que esses textos oportunizem debates sobre temas sociais relevantes. Anterior a BNCC, o trabalho de Antunes (2003), para citar apenas um de vários estudiosos que versam sobre o tema, propõe um trabalho produtivo com a língua portuguesa, o que significa oportunizar a compreensão de regularidades linguísticas a partir de usos reais da língua, dando a conhecer aos alunos temas com os quais lidarão para além dos muros da escola.

Os textos (1) e (2), a seguir, são cartazes da campanha Setembro Amarelo, iniciativa do Centro de Valorização da Vida (CVV), do Conselho Federal de Medicina (CFM) e da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Trata-se de uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio. Escolas, universidades, entidades do setor público e privado, bem como a população de forma geral têm se envolvido nesta campanha em todo o território brasileiro; portanto, em setembro, a temática suscitada pela campanha é tratada na escola e pode motivar empolgantes projetos que envolverão debates, leitura e escrita. A escola, por exemplo, pode se mobilizar na elaboração de seus próprios cartazes, a partir dos veiculados por várias entidades, o que oportunizará um trabalho de compreensão dos mecanismos linguísticos e imagéticos em torno da construção desse material multissemiótico de natureza persuasiva. Vejamos como as expressões modalizadoras deôntica se fazem presentes na construção desses textos.

### Texto 01 – Cartaz Campanha Setembro Amarelo, da UNALE



Fonte: <https://gramho.com/explore-hashtag/setembromarelo>

## Texto 02 – Cartaz Campanha Setembro Amarelo, da Cabergs



Fonte: [https://cabergs.org.br/saude\\_e\\_bem\\_estar](https://cabergs.org.br/saude_e_bem_estar)

Nos textos (1) e (2), há o valor semântico deôntico de obrigação, instaurado pelos verbos no modo imperativo: “converse”, “demonstre”, “procure”, “fique”. Quais seriam as fontes dessas obrigações instauradas? Assinam os respectivos textos a UNALE (União Nacional dos Legisladores e Legislativos Estaduais) e a Cabergs (Caixa de Assistência dos Empregados do Banco do Estado do Rio Grande do Sul). Seriam essas as fontes autorizadas a instaurar obrigações concernente ao tema em apreciação? Nem sempre o cartaz de uma campanha é assinado pela fonte que tem autoridade sobre o tema em foco, pode ser a assinatura dos que apoiam a campanha, caso das assinaturas em ambos os cartazes. Quem seria a fonte da qual emana a obrigação então? As instituições fomentadoras da campanha: Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM) e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). A fonte, portanto, não será depreendida expressamente nos textos nesses exemplos, o que leva o aluno a compreender que a construção do sentido de um texto extrapola a sua própria materialidade.

Prosseguindo com a leitura, centramos atenção nos alvos sobre os quais recaem os comandos de ambos os textos. O cartaz (1) é direcionado aos que estão em condições de ajudar alguém que está em depressão – estes devem conversar abertamente; demonstrar preocupação, cuidado e afeto e procurar conversar com a família, os amigos e a rede de apoio de quem está em depressão. Por sua vez, o cartaz (2) pode ser entendido como tendo como alvo os servidores do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, uma vez que está assinado pela Cabergs; mas também se estende a um público amplo, pois, para além dos servidores, os que utilizam o serviço do Banco – presencial e virtual – visualizarão o cartaz em agências e via internet. O alvo do cartaz (2) é mais amplo que o do cartaz (1), pois o “fique atento aos sinais” atinge tanto os que não estão passando por depressão quanto os que estão.

E quanto às imagens constitutivas de ambos os textos, no que elas corroboram à parte escrita dos textos? Observamos que, em (1), há seis bonequinhos de papel de mãos dadas. Ajudar quem está em risco de suicídio, portanto, envolve a formação de uma rede de apoio, que será possível se os que podem ajudar (agentes moralmente responsáveis) estiverem dispostos a conversar, a demonstrar preocupação. Assim, o recurso imagético conversa com a parte verbal do texto, formando um todo. Por sua vez, em (2), há uma foto de um jovem de cabeça baixa. Sem contexto, poderia estar o jovem dormindo durante uma aula para ele desinteressante; mas, nesse contexto, esse posicionamento físico é expressão de tristeza e desânimo

– esses são os sinais a que a parte verbal do texto se refere. Assim, a imagem torna concreto, ilustra, o conceito abstrato de “sinais” aos quais tanto quem está em depressão quanto quem está próximo de quem está é conclamado a estar atento.

Comandos diretos – “converse”, “demonstre”, “procure”, “fique” – não costumam ser persuasivos, pois são ordens diretas, o que gera desconforto e desmotivação. No entanto, é preciso observar a disposição desses comandos no texto. Em (1), os valores de obrigação estão dispostos entre a pergunta “Como ajudar quem está em risco?” e a imagem dos bonecos de papel de mãos dadas. Ajudar é valorado positivamente, há valoração social positiva de pessoas que têm essa índole empática; por seu turno, a imagem da rede de apoio é leve e desperta empatia. As ordens ganham leveza e atuam como instruções para quem queira ajudar e, assim, construir uma rede de relações, com a qual também poderá contar ao precisar. Em (2), a imagem de um jovem em situação de tristeza e desânimo traz a necessidade do “fique atento” para outro patamar e quebra tabus, pois, em geral, a imagem do jovem é associada à impetuosidade e à euforia. Assim, a imagem atua como reforço persuasivo da necessidade instaurada pelo verbo. Observamos que o valor deôntico de obrigação está, em ambos os textos, associado ao argumento pelo recurso à ilustração. Em Perelman e Tyteca ([1958] 1996) o argumento pelo recurso à ilustração é compreendido como aumentando a presença de uma regra abstrata, sendo sua escolha, em geral, guiada pela repercussão afetiva que pode ter.

Após as leituras de vários cartazes, não apenas de dois, com ampla reflexão sobre as expressões linguísticas modalizadoras deônticas, quanto a alvo e fonte e quanto a correlação entre parte verbal do texto e imagética, os professores podem propor um trabalho de construção de cartazes que serão assinados por cada turma da escola. Dividindo a turma em equipes, cada equipe criará e apresentará em sala um cartaz no mês de agosto, a fim de participar da campanha Setembro Amarelo. Cada equipe terá de evidenciar domínio de linguagem verbal e não verbal, utilizando a modalidade deôntica e tomando decisões para qual público se dirigirá: familiares, professores, colegas. Conforme o alvo sobre o qual recairá as obrigações instauradas, haverá adequação das linguagens – verbal e não verbal. Por exemplo, em relação à modalidade deôntica, os alunos terão de optar se a inclusão ou não no alvo é recurso persuasivo do qual queiram se valer, a exemplo do que ocorre no texto (3):

### Texto 03 – Cartaz Campanha Setembro Amarelo, da Cabergs



Fonte: [https://cabergs.org.br/saude\\_e\\_bem\\_estar](https://cabergs.org.br/saude_e_bem_estar)

Em (3), observamos que o verbo “precisar” está na primeira pessoa do plural, há, portanto, a inclusão do enunciador no alvo sobre o qual recai a obrigação instaurada. Os alunos terão de discutir se querem incluir-se ou não no alvo. Outra decisão a ser tomada é sobre o valor deôntico, pode não ser apenas obrigação, como vemos no texto 04:

**Texto 04** – Cartaz Campanha Setembro Amarelo, da Revista Veja



Fonte: <https://veja.abril.com>

Em (4), observamos que o verbo “poder” na expressão de uma permissão deôntica – ao indivíduo é facultado tornar a vida mais doce, daí a ordem: não desista!

Cada equipe, apresentará à turma seu cartaz, explicando suas escolhas na construção do texto. Às apresentações seguir-se-ão discussões quanto à adequação de cada cartaz, e a turma então decidirá qual cartaz (ou cartazes) representará a turma, sendo assinado pela turma. Em 10 de setembro, dia mundial de prevenção do suicídio, a escola pode organizar um evento – com palestras e atividades sobre a temática, tendo os familiares e amigos dos alunos como convidados. Nesse evento, todos os cartazes produzidos estarão à mostra na escola, e cada equipe poderá falar sobre o trabalho realizado.

Destacamos que essa é apenas uma ilustração da produtividade do trabalho com a categoria modalidade deôntica, podendo ser realizada com as mais diversas campanhas, como Janeiro Branco, Outubro Rosa, Novembro Azul. Os cartazes são textos ricos pelas linguagens que os constituem e pela presença das expressões linguísticas modalizadoras deônticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a língua portuguesa como um sistema-em-função, o que significa o tratamento dos fenômenos linguísticos em circunstâncias concretas e diversificadas, oportuniza aos docentes construir, com os alunos, saberes sobre as categorias gramaticais para fins de proficiência leitora e escrita.

Neste artigo, intentamos ilustrar como uma categoria gramatical – a modalidade – pode ser trabalhada dentro de um projeto que envolva leitura e escrita, associado a temas em circulação na sociedade. Dada as dimensões de um artigo, essa ilustração deu-se com o subtipo modal deôntico, em



cartazes da campanha Setembro Amarelo.

Conforme os textos escolhidos exemplificam, as expressões linguísticas modalizadoras deônticas instauram valores semânticos, partem de uma fonte, dirigem-se a alvos. Essas expressões variam conforme os efeitos de sentido que se deseje gerar para fins de persuasão – há possibilidade de inclusão ou não no alvo deôntico, podem ser atenuadas ou asseveradas pelas imagens que compõem o texto etc.

Esperamos que a ilustração aqui realizada possa auxiliar docentes no trabalho com a língua portuguesa que seja motivador e que repercuta na formação de um aluno apto a utilizar a compreender a gramática da língua portuguesa em uso, interrelacionado material verbal e não-verbal na construção de textos multisemióticos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. A. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 10 fev. 2020.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K. Mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Ed). **Morphology: a handbook on inflection and word formation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.1190-1202.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MENEZES, L. C. de. Modalização deôntica e retórica perelmaniana. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 8 - n. 2 - p. 162-176 - jul./dez. 2012.

MENEZES, L. C. de. **Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa: um exercício de análise retórico-funcional**. 2011. 332p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MENEZES, L. C. de. **A modalidade deôntica na construção da persuasão em discursos políticos**. 2006. 122p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

MOSCA, L. L. S. **A atualidade da retórica e seus estudos: encontros e desencontros**. Retórica. Actas do I Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas. Disponível em: [http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/linei002\\_0.pdf](http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/linei002_0.pdf). Acesso em 10 de jan.2020.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução por Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (trad. de *Traité de l'Argumentation. La Nouvelle Rhétorique*, Paris: PUF, 1958)

---

VERSTRAETE, J. C. The problem of subjective modality in the Functional Grammar model. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Eds.). **A new architecture for Functional Grammar** (Functional Grammar Series 24). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 243-273.